

Os primeiros 200 anos

A celebração dos 200 anos da Independência permite uma reflexão preciosa sobre o longo prazo, assunto que não parece despertar muito interesse em meio aos debates eleitorais.

Há muito o que pensar sobre o que se passou nesses últimos dois séculos, muita informação para processar, ainda que muitas das estatísticas para esses anos sejam de baixa qualidade, e o problema é especialmente sério para os tempos mais remotos.

Mas o que dizem os dados? Como evoluiu, para começar, a renda média real do brasileiro depois de 1822 e os preços?

Existem enormes dúvidas metodológicas sobre essas estatísticas, que combinam diversas fontes e metodologias.

ano	PIB per capita real	nível de preços
1820	39	0,3
1920	58	14
1949	100	100
1980	385	5.189
1994	392	241.741.044.212.246
2000	408	172 (ago95=100)
2010	521	298
2020	517	491

FONTES: PIB per capita: Maddison encadeado em IBGE contas nacionais.

Preços: Eulalia Lobo encadeado com ICV-FIPE

Há muito o que discutir sobre as dificuldades metodológicas, sobretudo o encadeamento de diversas estimativas, mas não vamos entrar nisso. Não creio, ademais, que essas questões alterem a direção das principais conclusões.

Salta os olhos o desempenho ruim dos primeiros 100 anos, assunto sempre delicado, mas difícil de ser contestado seja em termos absolutos ou comparativamente a outros países ditos de assentamento recente.

A República Velha exibe um desempenho melhor, mas os anos verdadeiramente dourados para o crescimento parecem ser os do período 1949-80.

Nunca mais conseguimos desempenho comparável, mesmo repetindo compulsivamente a receita.

O período seguinte, entre 1980 e 1994, é o de hiperinflação, e não há coincidência em que essa desgraça ocorra exatamente quando parece se esgotar o modelo de crescimento até ali praticado com sucesso.

Faz sentido associar o nosso crescimento com a inflação *no longo prazo*?

Vejamos.

Durante o nosso primeiro século como nação independente a inflação esteve em 3,8% ao ano, o que era muito para esse tempo. O nível de preços vai de 100 (0,3) a 4354 (14) em 100 anos.

Em 1939, quando começa a ser publicado o índice de custo de vida para São Paulo pela FIPE-USP, a inflação já tinha acelerado para outro patamar. De 1949 a 1980 o nível de preços vai de 100 a 5189 (são 13,6% ao ano em média para esses 31 anos). Daí até junho de 1994 o nível de preços alcança esse número na tabela que praticamente quebra o termômetro.

Ao que parece, essa aceleração da inflação teve que ver com a insistência numa fórmula esgotada: crescimento como produto da inflação.

A inflação turbina o gasto público, como se sabe, mas também multiplica a desigualdade, pois funciona como um imposto que incide primordialmente sobre o pobre. Ou seja, a inflação ajuda mas perverte o crescimento, pois resulta em ampliação de desigualdade.

O futuro dirá se podemos conseguir uma coisa sem a outra, e os números recentes não dão muito alento, infelizmente.